

Arquivo  
15A

TUPI OR NOT TUPI  
~~TRATADO DE VITÓRIA DO ESPÍRITO SANTO~~

CEDI - P. I. B.  
DATA 31 12/86  
COD. T 1101

Manuela Carneiro da Cunha, da UNICAMP  
(Conferência realizada em Vitória do Espírito Santo, em Dezembro de 1978)

A 26 de fevereiro de 1557, o huguenote ~~mar~~ Jean de Léry depara, na costa do Espírito Santo, com seus primeiros índios. Sete margaiás (provavelmente tupiniquins), seis homens e uma mulher, sobem a bordo do navio francês. E Léry os descreve: "Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus como ao saírem do ventre materno mas ~~paraxxxxx~~ parecer mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto. Os homens usavam o cabelo cortado na frente à maneira de coroa de frade e comprido atrás, apurado em torno do pescoço... Ainda mais: todos tinham o lábio inferior furado ou fendido e cada qual trazia no beijo uma pedra verde e polida, como que engastada, do tamanho de uma moeda..." (J. de Léry, Viagem à Terra do Brasil, cap. V, pp. 44-45). Pelas frutas, farinha de mandioca e carne de queixada, deram-lhes os franceses camisas, facas, anzóis e espelhos. Mas não ousaram ir a terra porque os margaiás eram aliados dos portugueses.

Daí a uns trinta anos, Gabriel Soares de Souza louvaria os tupiniquins como grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros: "são valentes homens, caçam, <sup>cantam</sup> pescam e bailam"... (G. Soares de Souza, Tratado Descritivo do Brasil em 1587, cap. IXL, p. 68).

Passaram-se quatrocentos e poucos anos. Há três anos, em agosto de 1975, ter-se-ia "descoberto" que os tupiniquins não estavam extintos. Enquanto se acreditou que o estivessem, pôde-se vender suas terras, como aconteceu em 1954. Redescobertos porém, tinha-se de levar em conta por exemplo a escritura em que D. Pedro II doava 40.000 hectares de terra ao grupo. O Gal. Ismarth, presidente da FUKAI, prometia, em Junho de 1975 (O Estado de S. Paulo 31.6.75) cuidar das terras dos tupiniquins de Caieiras Velhas, lugar que fica a uns 60 km. ~~na~~ ao norte de Vitória. Mas a essa altura, já a Aracruz Florestal (~~pertencente à multinacional Biferro de Al~~) invadirá terras indígenas, ocupando 32.000 ha. com eucaliptos e pinus. Nos 8.000 ha. restantes, os índios são pressionados a não fazerem suas roças. Para tanto, devem se contentar com 3 ha. em Caieiras Velhas.

Com isso, alguns tupiniquins passaram a viver da pesca de caranguejo e da coleta de ostra. Sem frigorífico para conservar o produto, pescavam por encomenda. Mas quando a gigantesca Aracruz Celulose, inaugurada há um mês (ESP 31.10.76) começar a despejar seus detritos no rio Piraquê-Açu, também esta fonte de renda, já tão precária, estará comprometida.

Sem alternativas, constá que uns 500 tupiniquins trabalham como mão de obra desqualificada na Aracruz Florestal, (e deverão ser gradativamente despedidos ao término das obras). São portanto índios que, pelas circunstâncias conhecem português, são "habilitados para o exercício de atividade útil na comunhão nacional" e "têm razoável compreensão dos ~~na~~ usos e costumes da comunh



tilhamos a concepção democrática da igualdade dos homens: mas essa igualdade é frequentemente assimilada a uma universalidade da natureza humana, de que ~~em~~ cada qual seria apenas uma encarnação particular. É um argumento generoso, mas que tem seus escolhos. Em 1537, o Papa Paulo III, por exemplo, declarava que os índios eram seres humanos e portanto passíveis dos sacramentos e da salvação. Coibiram-se assim crimes contra os índios, que até então podiam sem pecado serem mortos ou escravizados; mas fundou-se também assim um projeto de evangelização, hoje anacrônico, concebido em termos europeus. ~~xxxxx~~ ~~xx~~ Esse projeto universalista anulava as diferenças culturais. Respeitava uma natureza humana comum ~~■ ■~~ mas concebendo-a como anterior a uma especificação cultural. A ideia de democracia racial, tal como é frequentemente apreendida, tem alguns desses subentendidos, quando confunde por vezes diversidade cultural com desigualdade: no cadinho de raças, pensa-se na fusão de todos em um modo de ser único e comum, quando o que há a reconhecer é o valor de diferentes modos de ser.

Por outro lado, e aí está o dilema, temos já construída em nossa cultura urbana (mas certamente não na rural) um índio padrão, Peri ou Aritana. E há uma indianidade simbólica que permeia fortemente o mito de origem da nacionalidade brasileiro. O índio, por mais despojado que seja, é simbolicamente o dono da terra, e quantas famílias há, no séc. XIX, que para se abrasileirarem, tomaram nomes indígnas e retraçaram genealogias, mais ou menos fantasiosas, que lhes punham o pé na tábua. No modernismo, o papel do índio foi o mesmo do rio Tietê: um mergulho nas profundezas da nacionalidade. E na umbanda como no candomblé de caboclo, religiões urbanas por excelência, o índio, suspeito eu, aparece não por alguma fusão de cultos de pajelança com ritos africanos, mas precisamente nessa função de legitimador de uma relação com a terra. A esse propósito, recordo a pergunta que me fez, perplexo, um índio da conservadora tribo krehó, de Goiás, a quem tinham levado a um <sup>pauque</sup> culto desses, em Belém do Pará: "me disseram que era ~~nhá~~ nehín (índio), Manuela, mas batia no peito e gritava au, au, ~~■~~ au. Você conhece esse tipo de nehín?" Eu conhecia. Era o índio-padrão, o caboclo Pena Verde, misto de Hollywood e de Tupinambá.

Notem bem: não estou fazendo nenhum juízo sobre a autenticidade desse índio padrão, porque não se trata de saber se ele corresponde ou não a um índio real. É uma imagem de índio com importantes funções simbólicas para nós, e é em função da nossa cultura que deve ser analisada. É um índio que evidentemente existe, e não é à toa que o chamamos de "o nosso índio". Esse índio é nosso.

Assim, no complexo étnico brasileiro, o índio goza de uma posição única e talvez singularmente incômoda: está entre a cruz e a caldeirinha. Ele só pode se furtar ao imperativo que compartilha com outros grupos étnicos do Brasil, o de "ser como nós", na medida em que ele incarnar o índio que

esperamos que ele seja, pintado, tradicional, fotogênico.

Há um caso muito próximo que ilustra isso: esse grupo Guarani que veio agora se refugiar entre os Tupiniquins ~~xxx~~ teria, em suas perambulações em busca de uma mítica "terra sem mal", aportado a certa altura em Guarapari. Segundo o cacique Paulo Venite (Versus nº9), o prefeito da cidade pretendeu vesti-los de tanga e cocar e exhibi-los aos turistas. O que, diga-se de passagem, fere o art.58 do Estatuto do Índio, ~~que estabelece a qualificação~~

Mas se esse é o nosso índio, explicável dentro de nossa cultura e seu modo particular de relação à terra e aos ~~xxx~~ antepassados, que vêm a ser os índios reais?

Em um sentido, os índios são como nós: no sentido de que têm uma história. História que já foi chamada "fria" quando, deixados a sua dinâmica própria, os grupos produzem uma tradição cultural autônoma; e história "quente" desde o instante em que o contato se dá. Pois inseridos no contexto da sociedade nacional a cuja dinâmica não podem mais se furtar, sua tradição cultural é profundamente afetada: afetada por influências externas, mas afetada também por um novo princípio que a subverte, a saber que a cultura se torna fator de contraste, elemento de diferenciação e resistência aos grupos envolventes. Ora, nessa situação, as mesmas coisas, diríamos, passam a ter significações e pesos alterados. O exemplo mais claro desse processo seriam os movimentos chamados revivalistas, em que se enfatizam certos traços culturais isolados de seu contexto tradicional. É o caso por exemplo dos índios Fulniô de Pernambuco, que convivem diariamente com os neo-brasileiros da cidade vizinha de Águas Belas, mas lhes ~~proíbem~~ vedam o acesso ao ~~xxx~~ único ritual que mantêm, o ouricouri.

Certos grupos indígenas - e estou pensando particularmente no Xingu - tiveram condições de conciliar sua dinâmica cultural própria com o desempenho que a sociedade nacional esperava deles. Afirmavam através de um quarup que é e não é ao mesmo tempo tradicional, aquilo que é essencial: sua consciência de serem índios. Manejavam seu arsenal de ritos não só com as significações internas à cultura, mas também com essa, adicional, de se caracterizarem, através deles, como índios. E índios reconhecidos na consciência nacional, lugar que puderam ocupar, é importante frisá-lo, pela existência de condições propícias tais como a criação importantíssima do Parque Nacional do Xingu.

Os índios do leste e do nordeste do Brasil, assim como os do sul e os Terena do Mato Grosso, estariam no extremo oposto. Também eles se sentem índios, no entanto sua cultura não parece mais "autenticamente indígena": falam português e consideram a dança do Congo tradicional; recusam-se a vestir tangas e cocares. Não são índios que dê para exhibir como "nossos índios". O que lhes censura, mais ou menos conscientemente, a opinião urbana, é não

terem perpetuado inalterada sua tradição cultural, não serem mais aqueles margaiás vistosos e guerreiros. Curiosa censura! Alguém jamais nos censurou ou pôs em dúvida nossa identidade étnica por sermos tão diferentes hoje de há um, dois ou quatro séculos atrás? O que temos culturalmente em comum com os descobridores do Brasil? Nem mesmo a língua, basta ~~xxx~~ tentar reler os escritos da época. Se a cultura é algo vivo, que se transforma, porquê exigir que a deles, não a nossa, tivesse parado no tempo?

São esses os índios que se diz "aculturados", fechando-se assim os olhos para o que lhes salta adentro: que sua cultura, como a nossa, está sendo constantemente reconstruída, que está, como a nossa sempre procurando raízes e a autenticidade não vem ao caso. Não é à toa que, segundo conta Pedro Aguiar, os Pataxó do sul da Bahia mandaram alguns de seus membros aprenderem maxacali em Minas Gerais. O que estão, acima de tudo fazendo, é se afirmando como índios. É a esses índios "inautênticos" que se ameaça com a emancipação, esquecendo que, por tudo o que expusimos, outro critério não há - e isto é sólida antropologia - para se reconhecer um índio senão o de ele se considerar e ser considerado como tal.

A questão, pois, da autenticidade de uma cultura, é uma falsa questão. A cultura é reproduzida para o aqui e agora, e basta reler Sílvio Romero, por exemplo, que por sinal voltou significativamente à moda, ou pensar nos programas de memória nacional para percebermos que a busca de uma cultura brasileira sempre esteve ligada à questão da identidade nacional. É o índio-padrão que mencionei existe precisamente em função dessa identidade nossa. Ora, que há de menos histórico do que esse índio-padrão?

No entanto, ~~parece~~ não há ~~lugar~~ lugar, em nossa consciência nacional, para outro índio senão aquele: pois a consciência nacional, sobretudo de países jovens, parece ter aversão ao pluralismo. É de disso que se trata: quando o ~~então~~ ministro Rangel Reis declarou<sup>40</sup> que "os índios têm o direito de serem como nós", está<sup>40</sup> colocando implicitamente nossa própria cultura e nossa noção de progresso acima de outros valores, depreciando assim o que nos custa reconhecer: que os índios têm também o direito de serem eles próprios.